

## As obras do Estado e a crise de trabalho

Foi pela imprensa visitada a ponte em construção, sobre o Sado, já bastante adiantada, e que resultará um importante melhoramento para o país.

Segundo as informações oficiais colhidas pelos jornalistas, essa ponte deve estar concluída em junho, mas, segundo informações de operários que ali trabalham, e com a suficiente competência técnica para poderem avaliar o tempo que levará ainda a construção, esta terá de demorar ainda bastantes meses.

Porque? Por falta de pessoal.

Este facto não pode deixar de merecer um reparo da nossa parte.

E' de estranhar que, debatendo-se o operariado com uma pavorosa crise de trabalho, o Estado esteja a retardar obras que representam um progresso material para o país, para não admitir mais trabalhadores.

A ponte sobre o Sado não é um caso isolado, nem o mais característico. Aí, apenas se dá a circunstância de se não fazer a admissão dos trabalhadores necessários para a própria obra. Mas outros empreendimentos há, perfeitamente postos de parte, em que nenhum operário está trabalhando, quando tão necessário era para o desenvolvimento económico dar-lhes o devido impulso. Há estradas a reparar, outras novas a construir e tantas obras de interesse público, como balneários e escolas, em que o Estado poderia intervir com um pouco mais de atenção, não só pelos interesses gerais da população, como pela crise de trabalho que ameaça tornar-se dentro em pouco num grave elemento de perturbação social.

Não há dúvida que a ponte sobre o Sado, a sua construção, merece da parte de todos aplauso. Mas, muito melhor seria que, visto tratar-se dum melhoramento de grande interesse público, que ela podesse ultimar-se o mais depressa possível. Além disso, havendo tantos trabalhos a realizar de norte a sul do país, alguns de não somenos importância, o que seria para desejar é que se visse empregar toda a actividade para que elas fôssem dentro em breve uma realização e não passassem, em alguns casos, e neste momento, dum simples engodo eleitoral, para obter os votos necessários para a candidatura governamental.

**A 'Semana da Criança'**

Está elaborado o programa definitivo de Lisboa e estuda-se a possibilidade de receber na capital deputações de crianças de todos os concelhos do país. Sob a presidência do sr. António Sérgio reuniu ontem a comissão realizadora da Semana da Criança em Lisboa, tendo-se assentado no programa definitivo a realizar na capital e resolvendo-se dar dele urgente conhecimento a todas as entidades interessadas na sua execução. Em virtude de solicitações nesse sentido de algumas localidades do país, foi considerado o problema de receber em Lisboa, no dia da confraternização infantil, deputações de crianças de todos os concelhos do país, para o que já está concedida passagem gratuita nos caminhos de ferro do Estado, resolvendo-se entregar o assunto ao estudo e deliberação da comissão central, e caso esta se pronuncie pela concentração em Lisboa de crianças de todo o país, propor-lhe a nomeação de uma comissão especial para, de acordo com a comissão central, a comissão de Lisboa e as comissões concelhias de todo o país, tomar o encargo de organizar e levar a cabo tão difícil quanto simpática manifestação. A comissão resolviu aumentar o número dos seus membros para missões especiais e urgentes e reuniu, desta data em diante, duas vezes por semana, às terças e sextas-feiras, pelas 17 horas, na Biblioteca Nacional, efectuando-se a sua próxima reunião na próxima terça-feira.

**A opinião dum tradeunionista acerca dos Sóvietes**

LONDRES, 17.—O sr. Goldman, membro da delegação das Trade Unions, que fez parte da comissão que foi visitar à Rússia, pronunciou um discurso perante a comissão defensora dos prisioneiros políticos russos, em que se referiu em termos de censura à ação do governo bolchevista, dizendo que o governo russo não dava liberdade aos visitantes estrangeiros de fazer inquéritos livres, mas que condiziam os seus passos de maneira a só poderem visitar o que de melhor havia no país, para trazerem uma noção errada acerca da prosperidade da Rússia.

No entanto, a-pesar-disso, a ação das Trade Unions russas têm sido extraordinariamente benéfica para o país, tendo conseguido grandes progressos. Acrescentou que, em 1924, tinha havido 581 greves nas indústrias do governo, tendo operários sido condenados como contra-revolucionários e enviados sem forma de julgamento para a Sibéria. Os motivos das greves tinham sido porque os salários não eram pagos regularmente. (R.)

**O protesto da organização operária**

Manufactores de calçado

Em assembleia geral do Sindicato dos Manufactores de Calçado de Lisboa foi aprovada a seguinte moção:

«Considerando que o odioso regime das

## A MARGEM DO CONGRESSO DA A. I. T.

### A reunião de Amsterdam estabeleceu as bases da ofensiva contra o Estado e capitalismo

A reportagem que fizemos das sessões do Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores foi de certo modo incompleto, servindo admiravelmente para especulações. As dificuldades dum rápida tradução das línguas faladas e o excesso de informes de três das referidas sessões, foram a causa dessa inconveniência.

Procuremos agora completar a nossa obra tanto quanto nos é possível.

O Congresso em referência não teve a representação das grandes massas. Nem isso é possível com a actual organização sindical internacional. Mas esse facto não diminuiu o valor da International, se considerarmos que os milhões de trabalhadores que seguem a política dos social-democratas na Alemanha, Áustria, Itália, França, Inglaterra, Bélgica, Holanda, Suécia e Noruega formam ainda a maioria.

Os seus efectivos são esmagadores e de respeitável importância no movimento operário.

Mas não foram estes milhões de trabalhadores os principais responsáveis pela última guerra? Não são os mesmos, pela mão dos seus «leaders», que estão fornecendo uma nova carnificina?

E a sua colaboração nos governos que estão desenvolvendo essa ideia, como deve ser considerada?

No entanto, da reunião magna de Amsterdam bastantes vantagens resultaram para o movimento operário.

Vejamos primeiro algumas representações. A principiar pela Central Portuguesa diremos que esta colectivamente representa a maioria do operariado português e como tal ali marcava o seu lugar. Espanha, representada pela C. N. T. formava a grande maioria do operariado espanhol organizado antes do riverismo. Com a anormalidade provocada pelo Directório os seus efectivos desceram, não sendo possível melhorá-los até à data.

Todavia a situação dos organismos partidários dourada tendencia não melhorou, podendo asseverar-se que a C. N. T., em relação ao ponto de vista que estamos examinando, distingue uma situação superior.

A Itália, na pessoa da U. S. I., teve também no Congresso uma situação muito a considerar. Se verificarmos que o mussolinismo desbaratou todas as organizações operárias, aderentes à U. S. I., temos de convir que esta representava no Congresso a maior força sindicalista revolucionária dos partidários do sistema autoritário.

Borghesi disse bem. A A. I. T. não é anarquista. E' apenas sindicalista revolucionária e anti-autoritária.

As suas bases, um pouco alteradas neste Congresso, são bem claras e visam a organizar convenientemente os trabalhadores para a luta contra a existência do Estado e contra o predominio burguês-capitalista.

E essa sua atitude filia-se precisamente no facto dos governos socialistas da Rússia, da Inglaterra e da Suécia terem provado claramente que a situação do operariado daqueles países não melhorou de forma a libertá-lo da escravatura do salário e do Estado. E é contra estes dois sinônimos de escravatura económica e social que a A. I. T. se dirige embora pese aos seus adversários.

SILVA CAMPOS

fazer convergir à sua organização os trabalhadores que os social-democratas mantêm iludidos com as pequenas reformas e medidas legais.

E se as resoluções do Congresso não têm o carácter de grandes programas é precisamente para não incorrem nesse reformismo. Mas têm a expressão do anseio de liberdade económica, sentimento que anima os que nele participaram directa ou indirectamente.

A sua maior importância ainda se verifica, considerando que vivemos numa época de governos socialistas e que a situação dos trabalhadores em todo o mundo, a-pesar-desse facto, não conseguiu melhorar. E toda a gente já se apercebeu desta dura verdade: E' que esses processos em cada uma conseguiram diminuir o sofrimento das massas trabalhadoras!

As resoluções do Congresso da A. I. T., sobre o plano Dawes, contra a reacção internacional, produção consciente e outras que em relatório circunstanciado serão conhecidas é, bem uma prova da eficiência do referido Congresso.

Sabemos que algumas organizações aderentes às outras Internacionais têm já tomado resoluções sobre o assunto. Porém o que importa saber, é que as do Congresso da A. I. T. foram determinadas pela ação dessas minorias revolucionárias as quais só a única força capaz de agir revolucionariamente.

Também a tendência da A. I. T. tem sido muito discutida. Afirma-se que ela é anarquista.

Besnard no comício de Paris, disse que ela não devia ser anarquista. Borghi, porém, observou-lhe que a A. I. T. está apesar da sua animada do espírito libertário, única razão porque se distingue das Internacionais partidárias do sistema autoritário.

Borghesi disse bem. A A. I. T. não é anarquista. E' apenas sindicalista revolucionária e anti-autoritária.

As suas bases, um pouco alteradas neste Congresso, são bem claras e visam a organizar convenientemente os trabalhadores para a luta contra a existência do Estado e contra o predominio burguês-capitalista.

E essa sua atitude filia-se precisamente no facto dos governos socialistas da Rússia, da Inglaterra e da Suécia terem provado claramente que a situação do operariado daqueles países não melhorou de forma a libertá-lo da escravatura do salário e do Estado. E é contra estes dois sinônimos de escravatura económica e social que a A. I. T. se dirige embora pese aos seus adversários.

Não foi esse Deus dos católicos visto e achado nessa trágica ocorrência?

Mas então, o espírito divino pode considerar-se ausente da própria casa onde, a todo o momento, lhe fazem oração e prestam culto? Mas, mesmo que assim não fosse, não é verdade que Deus — segundo os seus ministros — tudo sabe, tudo vê, porque em toda a parte está?...

Não foi esse Deus dos católicos visto e achado nessa trágica ocorrência?

Considerando que a permanência, ainda que curta, nesses infecções e anti-higiénicos ergastos dá azo a doenças como a sífilis, tuberculose e sarna, aumentando assim o número dos que sofrem dessas terríveis enfermidades;

Considerando que a moderna criminalidade, assente na metódica e aturada investigação científica, tem demonstrado dum maneira insofismável, que o actual regime prisional não corresponde às determinantes da ciência, da mesma forma que não satisfaz as exigências da moral;

Considerando finalmente que é um dever moral e um direito humano exigir do Estado a abolição completa de tão desumano e anti-social sistema prisional;

Os fabricantes de calçado de Lisboa, reunidos em assembleia geral, resolvem:

1.º — Protestar junto do ministro da Justiça contra tanta grave anomalia numa sociedade que se diz civilizada;

2.º — Reclamar a sua completa e insofismável abolição;

3.º — Apoiar qualquer movimento que tenha por fim completar a campanha que aí vem a favor da miséria, deve sofrer o abandono; ninguém tem a audácia de dizer publicamente que um preso não deve ter nem luz, nem higiene, nem alimento. Nem sequer dizer que a dignidade humana deve ser amarranhada, calcada quando se trate dum preso.

Mas não faltam quem mostre a maior indiferença pela vida dos presos. Até hoje, a menor crítica, a mais leve rectificação. Aquelas jornais que defendem os interesses da classe burguesa, e, portanto, nosso implacável inimigo, não fizeram a mínima objecção.

Em torno da nossa campanha tem-se feito um silêncio glacial. Nenhum jornal a atacá-la, nem sequer a apoiá-la...

Isto só prova a profunda razão que nos assiste. Ningum ousa defender o critério de que uma prisão deve ser o sepulcro dum preso, deve ser o sepulcro de todos os presos. Ningum se atreve a afirmar que um preso deve sofrer a miséria, deve sofrer o abandono; ninguém tem a audácia de dizer publicamente que um preso não deve ter nem luz, nem higiene, nem alimento. Nem sequer dizer que a dignidade humana deve ser amarranhada, calcada quando se trate dum preso.

Mas não falta quem tenha tão criminoso pensamento. Há quem tenha ainda o espírito tórrido de épocas antigas, de antigos tempos em que a vida humana andava a sabor dos caprichos dum despósta.

Não falta também quem mostre a maior indiferença pela vida dos presos. Até hoje, a menor crítica, a mais leve rectificação.

PARIS, 17.—O ministro francês ficou assim constituído: Painlevé, Presidência; Steeg, Justiça; Briand, Estrangeiros; Caillaux, Finanças; Schrameck, Interior; Borel, Marinha; Chaumet, Colônias; Durant, Agricultura; Loucheur, Comércio; Lavat, Obras Públicas; Deyris, Regiões Liberais; Antenieu, Pensões; Monzie, Instrução; general Nolet, Guerra; os sub-secretários foram provisoriamente nomeados: Hesse para a Marinha Mercante; Laurenteynac para a Aeronáutica e Delbos, Belas Artes.

Estão condenados a ficarem em vagas e inofensivas aspirações. Aquelas que andam indevidamente à solta, à face dos códigos burgueses, não se preocupam com a situação e a vida dos que estão presos, presos dos quais iniquamente à face dos mesmos códigos.

As prisões a continuarem no mesmo deplorável estado em que se encontram oferecem ao priso a certeza do seu definitivo e da sua morte. Só uma perspectiva que lhe oferece para salvação da sua vida: a evasão. O priso que retorna à liberdade pode ainda dizer que fugiu para se defender dum atentado à sua vida preparado por aqueles que deixaram chegar as prisões ao estado em que actualmente se encontram. Mas só quando os presos fogem é que os governantes reparam que os presos vivem. Reparam para os mandar capturar, para os fazer entrar nas cadeias onde elas devem morrer.

**As prisões**

Continuam lavrando o seu protesto os sindicatos operários

PARIS, 17.—O «Petit Parisien» afirma que, por ocasião da distribuição das pastas do novo governo, se travou um largo e apaixonado debate entre os srs. Painlevé, Briand e Caillaux, que chegaram por fim a um acordo. (L.)

O governo apresenta-se às Câmaras na terça-feira

PARIS, 17.—O novo governo apresenta-se às Câmaras na próxima terça-feira, devendo reunir-se na véspera para assentar na redacção definitiva do programa ministerial.

**Sindicato Único das Classes Metalúrgicas**

Realiza-se no domingo, 26 de abril, uma festa de auxílio à Biblioteca da Secção Metalúrgica, com o seguinte programa: As cegadas «Primo de Rivera», de Henrique Lagesa, e «Sombrias que falam», de Avelino Martins. Canção Nacional, pelo prestígio Núcleo Cultores do Fado, Carlos Ribeiro e José Ribeiro.

Abrihanta esta festa a Troupe Familiar «Os Bichinhos».

Considerando que o odioso regime das

## IMPREVIDÊNCIAS DIVINAS

### Um suicídio na igreja dos Mártires

#### O Padre Eterno não viu os sofrimentos dum servente de sua casa e os fiéis endinheirados passaram pela miséria sem a ver

Em meia dúzia de linhas os jornais de ontem noticiaram que um pobre servente da igreja dos Mártires se havia suicidado em plena igreja, enferrando-se no órgão.

Aqui está um assunto que, tendo passado quasi desapercebido e diluído-se entre o noticiário banal da grande imprensa, resume um verdadeiro compêndio, um maravilhoso compêndio sobre o dogmático poder das divindades e da igreja...

Todos nós sabemos como a igreja e os seus ministros condenam o suicídio, levando-a a sua dura intransigência ao ponto de não acompanharem o cemitério qualquer corpo de suicida, reservando-lhe até lugar a parte nos cemitérios porque — segundo elas — os desgraçados que põem termo à existência caíram na tentação de Satanaz...

Porém, a desmentir todos esses ridículos e até impiedosos preconceitos da igreja católica, eis que surge um caso destes em que vemos, na própria casa de Deus, nas barbas de todos os santos e apóstolos, um pobre servente da igreja enferrado no órgão — aquele mesmo órgão donde, nos dias festivos, se soltam os hinos mais maviosos à glória do Senhor!

Mas que fazia, então, nesse momento o senhor Deus, que não soube ou não quis imitar que um servo seu, dos mais humildes e desgraçados, fôr tragicamente puzes-se termo à existência?

One reside, então, esse onipotente poder divino, tam justo e tam ilimitado, mas que nem ao menos pode evitar que o pobre servente ponha, em tam impróprio lugar, termo à sua vida?

Como acreditar nessa clemência divina que, como prémio dum vida humilde, modesta, que se havia dedicado ao seu culto, oferece o pobre tressolado uma corda de enferrado?

Não foi esse Deus dos católicos visto e achado nessa trágica ocorrência?

Mas então, o espírito divino pode considerar-se ausente da própria casa onde, a todo o momento, lhe faz

## CARTA DO PORTO

## Mais um crime para o jornal

## Como se fazem as grandes reportagens nos jornais burgueses

PORTO, 17.—A imprensa capitalista tem dois pesos e duas medidas. O seu critério informativo ou analítico elástica-se ou encolhe-se consoante as influências individuais, coligadoras e mercantilistas.

Acabamos de obter mais um depoimento com o flagrante exemplo que dois crimes nos proporcionam.

Movida por um ciúme bárbaro, uma mulher queria desfechar, no 1º andar do prédio n.º 386 da rua de Camões, sobre a amante de seu marido. A amante morreu.

Esta tragédia serviu de mina aos diários, muito principalmente ao *Jornal de Notícias*. Preparam-se resmas de *linguados*. Puzeram-se em riste, quais lâncias da babiloscópica do jornalismo moderno, todos os lâpis e todas as penas. Depois, vê de indignar todas as particularidades da cena sanguinolenta.

Nada escapou: veio tudo à baixa: visões, casas das testemunhas e do triste espetáculo onde a amante fôr abatida pelo desvairamento dum aposento em lamentável estado patológico; fisionomias patibulares e contorcidas; *toilets*; roupas; todo o soalheiro público e íntimo a desvendar vidas cumpridas; biografias, bruxarias, etc.

Há dois dias que os jornais não se cansam de desenvolver o melodramático alarido da sensacionalidade indígena, alargando tremendamente os capítulos de todas as minúcias do drama, aos quais apena faltou a alusão ao vaso da noite.

Como não pode deixar de colaborar neste arripiente romance o respectivo fotógrafo, a tétrica narrativa tem sido ilustrada com as incisivas gravuras da praxe...

Não concordamos muito com a divulgação exagerada destas misérias sociais, visto que acentua o espírito de imitação. Mas, que diabo! já que assim a imprensa burguesa o entende, ao menos que demonstre, palpável, a sua imparcialidade na cata de... *mais um crime para o jornal*...

Há perto de quinze dias, um outra mulher cintilante entrou numa casa da rua do Belomonte. Perguntou por uma certa costurista conhecida. A mãe da procurada respondeu que não estava em casa. Bem: «não está a filha, paga a mãe»—retrorriu a alucinada. Mas a corista que ouviu a decisão da sua adversária, não querendo que a justa pagasse pela pecadora, apareceu à procurante: «as mães não têm culpa do que fazem os filhos...»

E a esposa dum conhecido e rico mercante desfechou um tiro no peito da corista, por ser amante daquele. Não foi para a morgue, para o cemitério. Mas tem estado às portas da *quema*, isto é, de morte...

O Comércio, o Janeiro, o *Notícias*—estes por exemplo, tão solícito em escândalos de assassinatos—não fizeram novela, film, romance, tragédia, correcta e aumentada...

Porque? «Que recomendação haveria? Não era mais um crime para o jornal, as mil maravilhas servindo para toda a sorte de especulações?»

Ai, não! Aqui houve coisa grossa, e bem grossa!...

Nestes dois casos há duas coisas diferentes: no primeiro, aponta-se a assassina como sendo irracional, mulher de mau gênio; amiga de deitar cartas, insuportável—levando o «sacrificado» marido a escolher outra «eleita» do coração. No segundo, o vulgo pensa o contrário: o culpado do desespere manifestado no tiro contra a corista, encontram-no na pouca seriedade do mercante, que teve a preponderância precisa para pôr pedra no assunto...

«Oh! esta imprensa capitalista, de dois pesos e medidas!»

C. V. S.

**Rectificação.**—No extracto da situação dos cortiços em Paços do Brandão, saiu, por lapsus nosso, o sr. Manuel Dias Coelho como sendo engenheiro do Estado e oficial do exército. Queríamo-nos referir ao sr. Afonso Dias Coelho, filho daquele, que é industrial. Fica desfeito o engano. C.

## Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço 250.

Tres aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 500.

A' venda em todas as livrarias e na administração de *A Batalha*.—(Desconto aos revendedores).

## O funcionalismo agita-se

## O pessoal menor vai reclamar a extinção dos fardamentos

Os delegados do pessoal menor das diversas repartições, em sua última reunião, resolveram efectuar nos primeiros dias da próxima semana uma sessão magna, a qual será convocado a comparecer todo o funcionalismo denominado Pessoal Menor, a fim de a este ser submetida a representação a entregar ao governo e que tende aos seguintes fins:

1.º Reclamar do governo a mudança de nomenclatura do chamado pessoal menor, uma vez que as designações dum razoável maior, são atentatórias da dignidade do funcionalário que as suporta e até impróprias do regime democrático que a nacionalidade adoptou; 2.º Reclamar do governo, a extinção dos fardamentos actualmente usados nas diversas repartições do Estado, pelos diversos funcionários e, caso tal se torne impossível, a adopção dum tipo único de padrão e feito, com diferença apenas das iniciais do nome para todo o funcionalismo a quem actualmente se obriga o seu uso; 3.º A extinção a todos os serventuários do Estado das regalias últimamente concedidas aos trabalhadores da imprensa, caixeiros viajantes e já usadas por outros diversos funcionários e estudantes das escolas superiores, ou seja abatimento nas linhas do Estado de 50%; 4.º Extensão a todos os funcionários das ditimunidades de serviço; 5.º A criação dum caixa de auxílio a exemplo do que foi criado para os hospitais civis, quando da morte do funcionário.

Mais foi resolvido lançar na arte um voto de sentimento pela morte desastrosa do trabalhador da imprensa Mário Graça e oficiar à Associação do Pessoal Maior dos Correios dando-lhe o seu apoio na questão do monopólio da T. S. F.

## Os T. M. E. sob a administração democrática

Depois de Afonso Costa, Portugal Durão e Lima Bastos. — Uma escrita em papeis soltos e a lápis

**Senhor Redactor.**—Decorreu a época dos afrontamentos, na maior anomalia económica para o Estado, até que a Empresa Insulana de Navegação para as ilhas, selançou em conflito com os carregadores, por causa dos fretes, e declarou ao Governo que não queria navegar os dois navios.

Resolreu o Governo tomar conta dos navios e nomear administrador o sr. Portugal Durão que se instalou na própria casa da Insulana, mantendo-se todo o pessoal.

Este senhor foi aumentando os fretes co-

mo pôde e fazendo uma conta especial para os dois navios da Insulana, saíndo o dinheiro dos cofres da Comissão Administrativa

—primeira gerência dos T. M. E.

Logo que o Governo resolveu finalizar com a exploração por afrontamento, começaram a citada Comissão com o Administrador que já existia na Insulana a dirigir à exploração dos navios dos T. M. E. por conta do Estado.

Se fizeram sentir as pressões do ministro Lima Bastos, que directamente tratava com Portugal Durão, ponho caso fazendo da Comissão Administrativa.

Sen entrar em muitas minúcias é preciso dizer que a protecção dos amigos na distribuição da carga, foi o escândalo principal que veio a público, pois que a forma de administrar só muito mais tarde foi conhecida de todos quantos foram prejudicados nos seus interesses e que por isso nunca abandonaram os elementos que os estavam a esclarecer. Para administrar estes navios, nomeou o Governo um Conselho de Administração, e com o mesmo. Administrador que passou a ser Administrador-Delgado, continuou o mesmo modo de agir.

O frete elevadíssimo fazia entrar nos cofres dos T. M. E. muito dinheiro, que se ia depositando nos Bancos, mas só a escrita destes podia elucidar, porque a dos T. M. E. era feita *em papeis soltos e a lápis*.

E estávamos ainda em 1917-1918.

A escrita de dez ou doze navios, feita a lápis e em folhas soltas, nunca passou pela vista do tal sindicante, que durante três anos e meio, a 60 escudos diários, não teve tempo de vêr.

Nunca foi chamado o guarda-livros que a consentiu; nunca foram ouvidos sobre tal irregularidade os dirigentes, porque o sindicante nunca se preocupou com estas insignificâncias. Grave foi o crime do pobre tuberculoso que está no Lameiro por ter assassinado uma gata requisitando dois quilos de bacalhau—que foram pagos ao Estado.

Que valor teve para o tal sindicante a circunstância de somente se verificar *pela escrita dos Bancos*, o dinheiro que para lá entrou, e não se poder saber para que saiu, ignorando-se ainda se o que entrou para os Bancos foi o que devia entrar?

Isto não é nada, como nada é a grande fraude do negócio Furness, para um sindicante que ao fim de três anos e meio produziu as provas a que já aludimos, única e exclusivamente para perseguir os desgraçados que moirejam a buscar o pão quotidiano.

Que importância têm os crimes do grande estadista ou uma escrita a lápis em folhas soltas?

Faz nojo ter que escrever tanta imoralidade e vêr a impunidade com que estes moralistas contam.

Creia-me, sr. redactor, etc.—H. F. R.

—O! esta imprensa capitalista, de dois pesos e medidas!

—

Terminou a revolta do Kurdestão

CONSTANTINOPA, 17.—A revolta kurda está completamente terminada.

O Sheik Said foi aprisionado com os principais chefes das tribus. O Estado maior do exército turco deixou de publicar comunicados das operações. Os kurdos estão submetendo em massa. O exército turco apoderou-se de importantes papéis que dizem respeito à revolução e grande quantidade de dinheiro em ouro.

Está estabelecida a reorganização administrativa da região, tendo havido para aí uma reunião do governo sob a presidência de Kemal Pacha.

Creia-me, sr. redactor, etc.—H. F. R.

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

—

## Agenda de A BATALHA

## CALENDARIO DE ABRIL

S.	4	11	18	25	HOJE O SOL
D.	5	12	19	26	Aparece às 5,57
S.	13	20	27		Desaparece às 19,16
T.	7	14	21	28	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	Q. C. dia 1.º 8,12
Q.	9	16	23	30	Q. M. dia 2.º 9, 3,33
S.	3	10	17	24	L. N. dia 3.º 2,28

## MARES DE HOJE

Prainamar às 11,26 e às 4,56  
Baixamar às 4,14 e às 4,56

## CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Luanda, 2.º dia de vista	5.50	5.50
Londres, cheque	1.209	1.209
Paris	4.200	4.200
Suica	1.203	1.204
Bélgica	3.85	3.85
Italia	8.87	8.87
Holanda	2.202	2.202
Madrid	2.029	2.029
New-York	2.019	2.022
Brasil	3.536	3.536
Suecia	5.810	5.810
Dinamarca	3.879	3.882
Praga	7.60	8.00
Buenos Aires	3.200	3.200
Viena (1 shilling)	4.205	4.205
Renomado ouro	2.220	2.225
Apô do ouro	1.620	1.620
Libras ouro	10.500	10.500

## ESPECTÁCULOS

## TEATROS

2.º Carlos — A.º 21, 22 — O Sinal de Alarme.  
Felicional — A.º 21, 22 — O Abade Constantino.  
São Luís — A.º 21 — Rato de Hotel.  
Dilettante — A.º 21, 22 — Massarocas.  
Trindade — A.º 21, 22 — As Tangerinas Mágicas.  
Tirolo — A.º 21, 22 — Tirolos.  
Eden — A.º 20, 21 — Sessão permanente: Variedades.  
Juniper — A.º 21, 22 — Ímrias e v. Cládas.  
Sátio São — A.º 20, 21 — Variedades.  
1º Vicente (a Graça) — A.º 20 — Animatógrafo.  
Ribeiro — Perque — Todas as noites — Concertos e discursos.

## CINENAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema  
Côndores — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora  
de Educação Popular — Cine Paris — Cine Esprito Santo — Chancery — Tivoli — Tortoise — Gu. Vicente.

**CHAPEUS PARA SENHORA**  
EM SEDA 80\$00  
Cascos em TAGAL a PICOL em  
tôdas as cores a 35\$00  
Transformações por PREÇOS  
SEM COMPETENCIA  
**OFICINA LISBONENSE**  
— DE —  
JO. P. PEREIRA DA SILVA  
Calçada do Garcia, 18  
(por cima da casa de Fogões) — ROCIO

## LIMAS NACIONAIS

UNIÃO  
MARCAS REGISTADAS  
UNião Tomé Pereira, Ltda., rivalizam em preço  
e qualidade com as melhores limas do Mundo.  
Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens da pais.

**CAMAS E COLCHÕES**  
ninguém vende mais barato  
**RUA POIAIS DE SÃO BENTO, 37**

**Sistema Americano**  
Grande alegria nos lares

GÉNEROS de mercearia e papelaria a  
retalho pelo preço de atacado. Rua de São  
Juão, 24 a 26.

**Ourivesaria e Joalheria**

**Santos Catita, Lda.**  
R. da Boavista, 22 — R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido em objectos de ouro e prata  
para brindes

JOIAS E PEDRAS FINAS

Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço

Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

— Meu pai, talvez que ele já o fizesse?

— Nesse caso, o chefe do corpo municipal teria dado  
ordem para tocarem o sino afim de reunir os comunitários e anunciar-lhes tão feliz notícia. Não gosto desta  
convocação em nome do bispo.

— Ai de mim! Fergan, replicou Joana lacrimosa;  
será então preciso renunciar a tôda a esperança de re-  
conciliação?

— Não sei, mas em breve o saberemos, a oitava  
hora não tarda.

Depois, Fergan pegou no seu capacete e na espada,  
que tinha posto ao entrar em cima dum móvel, e disse  
a seu filho:

— Arma-te e vamos ao mercado. Enquanto a vocês,  
meus rapazes, acrescentou ele, dirigindo-se aos jovens  
aprendizes, dos quais um, fatigado de tão longa vigília,  
tinha adormecido num escabelo, continuem a en-  
cavar os ferros de lâncas.

— Ai de mim! Fergan, disse Joana com tristeza, te-  
remos por conseguirem guerra?

— Ah! Colombai, disse Martinha chorando e lan-  
çando-se ao pescoco do seu marido, morro ao pensar

nos perigos a que se vão expôr tu e teu pai!

Sossega querida mulher; mandando que sejam  
continuados estes preparativos de resistência, meu pai  
aconselha uma sábia e prudente medida, replicou Co-  
lombai; o caso não é para desesperar:

— Minha pobre Joana, disse tristemente o cabou-  
queiro, vi-te mais corajosa no meio dos areais da Syria;  
a que perigos tu, teu filho e eu, não escapámos durante  
a nossa longa viagem à Palestina quando éramos es-  
cravos do senhorio de Néroeg vr.

— Fergan, respondeu Joana com tristeza profunda,  
por muito terríveis que sejam os perigos passados, o  
futuro deixá de ser por ventura mais ameaçador?

— Eramos tão felizes nesta cidade! murmurou Mar-  
tinha; e entretanto, os malvados episcopais, que pre-  
tendem mudar dêste modo a nossa alegria em luto,  
também têm esposas, mães, irmãs e filhas!

— Sim, disse Fergan com amargura; mas ésses ho-

mens nobres e suas famílias, excitados pelo orgulho de  
raça, e acostumados a viverem na ociosidade, estão furi-  
osos de não poderem gozar os frutos do nosso rude  
trabalho! Ah! eles desejam cançar-nos a paciência; se  
querem conquistar os seus direitos odiosos... desgra-  
çados episcopais! terríveis represálias os esperam!

Depois, abraçando Joana e Martinha, o cabouqueiro  
acrescentou:

— Adeus, mulher; adeus, filho.

— Adeus, boa mãe; adeus, Martinha, disse também

Colombai; acompanho meu pai ao mercado; quando  
soubermos alguma coisa, com certeza, virei preve-  
n-las.

— Vamos, minha filha, disse Joana a Martinha, de-

pois de ter dado um último abraço em seu marido e  
em seu filho, os quais se retiravam, continuemos a

nossa triste tarefa. Ah! sempre pensei que poderíamos  
reunir grande sortido das MELHORES MANTEIGAS do Conti-  
nente e Ilhas.—DESCONTOS AOS REVENDEDORES.

As duas mulheres recomeçaram a preparar panos  
para ligaduras, ao passo que os jovens aprendizes me-  
tiam mãos à obra com um novo ardor, continuando a  
excavar os ferros das lâncas.

Uma multidão que engrossava de momento para

momento afluía ao mercado; não era, como na véspera,  
uma turba alegre, festiva, que vinha, tanto homens

como mulheres e crianças, festejar a inauguração do

palácio ou do campeão communal, símbolo da libe-  
ridade dos habitantes de Laon; não, nem mulheres, nem

crianças, assistiam a esta reunião, tão diferente da pri-  
meira; os homens, só os homens é que se viam tac-  
turnos, inquietos, uns determinados, outros abatidos,

e todos eles presentindo a aproximação dum grande

calamidade pública. Reunidos em grupos numerosos de-  
baixo dos pilares da praça do mercado, os comuneiros

conversavam sobre as últimas notícias (ignoradas de

Fergan quando, acompanhado de seu filho, tinha saído

da sua casa), notícias significativas e assustadoras.

Os homens da ronda, postados nas duas torres, en-  
tre as quais havia uma das portas da cidade, que co-  
municavam com o passeio que se estendia entre as bar-

reiras e o palácio episcopal, tinham visto entrar ali ao  
romper do dia uma numerosa turba de servos rachado-  
res e carvoeiros, à frente dos quais vinha Thiegaldo,  
esse familiar bando de Gaudry; em seguida, depois de ter nascido o sol, o rei, acompanhado dos seus ho-  
mens de armas, também se tinha retirado para a mora-  
da fortificada do prelado, saindo de Laon pela porta  
do meio-dia, a qual se tinha aberto de par em par à  
cavaliada real. Os cortezões de Luis o Gordo, tendo-  
o advertido de que os habitantes haviam velado tôda a  
noite, que as bigornas dos ferreiros e dos serralheiros  
tinham constantemente resoado sob o martelo para o  
fabrico dum grande número de lanças, estes prepara-  
tivos de defesa, esta agitação nocturna, tão contrária  
aos costumes pacíficos daqueles cidadãos, despertando  
a desconfiança e os temores do rei, tinha cuidado logo  
em dirigir-se ao bispo, onde se julgava mais seguro.  
João Molrain, o chefe do corpo municipal, instruído da  
partida do príncipe, correu logo ao palácio episcopal,  
cuja entrada lhe foi recusada; prevendo isto mesmo,  
tinha-se preavido com uma carta para o abade conse-  
lhiero do rei, carta na qual Molrain lembrava as suas  
propostas da véspera, renovando-as outra vez, e supli-  
cando ao rei de as aceitar em nome da paz pública;  
acrescentando mais que a comuna conservava a quan-  
tia prometida à disposição de Luis o Gordo. Este, ao  
ouvir ler esta carta tão sensata, tão conciliadora, man-  
dou responder que pela manhã os habitantes de Laon  
saberiam quais eram as suas vontades. Finalmente,  
durante esta noite, viu-se no interior da cidade, que os  
episcopais, entrincheirados nas suas casas fortes, soli-  
damente fortificados, tinham frequentemente trocado  
entre si sinais, por meio de velas acesas nas janelas,  
que, de vez em quando apagavam ou tornavam a acen-  
der. Estas notícias assustadoras, destruindo quase com-  
pletamente a esperança dum conciliação, lançava os  
comuneiros numa agitação e numa ansiedade indizível;  
os vereadores foram os primeiros que se dirigiram à  
praça do mercado e ali se lhes reuniu em breve o  
chefe do corpo municipal, este, grave e resoluto, pe-

diu silêncio, subiu a um dos balcões das lojas desertas,  
e disse à multidão:

— A oitava hora não tarda em soar, mandei que

introduzissem na cidade o mensageiro real quando ele

se apresentasse, mas o rei e o bispo ordenaram-nos que

nos reuníssemos aqui, na praça do mercado, à espera da

sua decisão; parece-me mais digno para nós irmos es-  
perar e receber o mensageiro real na nossa casa, comu-  
nal. Ali é que é a sede do nosso poder; e quanto mais  
se nos contestar esse poder, mais devemos mostrarnos zelosos dêle!

A proposta do chefe do corpo municipal foi aco-  
lhida por aclamação; e enquanto a multidão seguia os

seus magistrados, Fergan e seu filho, encarregados de

esperar o mensageiro do bispo, viram chegar a passos

precipitados o arcebispo Anselmo; graças à sua bon-  
dade e equidade, este homem era estimado e venerado

de todos; fazendo sinal ao cabouqueiro para se apro-  
ximar, disse-lhe com voz comovida:

— Conheço a tua coragem e prudência, queres re-  
unir-te a mim a fim de buscarmos prevenir as desgra-  
ças de que esta cidade está ameaçada?

— Logo, o rei nem sequer atendeu ao último sa-  
cifício que impozemos a nós mesmos? recusou a

oferta de João Molrain?

— Fergan, tudo isto é odioso e horrível! disse An-  
selmo; é a desonra do episcopado e da realeza! Sa-  
bendo que o chefe do corpo municipal tinha oferecido

ao rei uma quantia considerável de dinheiro por uma

nova confirmação da sua carta, e que ele se inclinava

a aceitá-la, Gaudry ofereceu dobrada quantia a Luis

o Gordo para alcançar dêle a abolição da comuna.

— O rei aproveitou-se dessa infame almeada!

— Ai de mim, assim sucedeu!

— Mas o juramento que Luis o Gordo jrou, a sua

assinatura e o seu sôlo na nossa carta, ficará tudo isto

reduzido a nada?

— Em virtude do seu ilimitado poder episcopal de

# ABATLHA

## Os grandes escândalos da "Voz do Operário"

Volta-se o feiticeiro contra o feiticeiro. O relatório da actual comissão, que critica os actos da comissão de sindicância, provoca um cerrado ataque às gerências dos "óstras"

Anteontem, 10.ª sessão, parecendo interminável este debate de verdadeira depuração moral, em que os atacantes à obra perniciosa dos óstras, depois de várias horas de oratória, terminam todos por afirmar que pouco ainda disseram do muito que têm arquivado.

O presidente não tem na mesa a acta da sessão anterior, naturalmente para abreviar a discussão, pois pede aos associados que limitem as suas considerações, visto haver urgência na votação do orçamento suplementar. Mas os sócios auxiliares é que não estão dispostos a ir na fita, porque entendem que devem despejar tudo quanto têm no saco, e um deles, Francisco Reis, da comissão de sindicância, prossegue nas considerações que suspenderá na sessão anterior. Relata circunstancialmente toda a obra construtiva da comissão de sindicância, pondo-a em paralelo com a das gerências dos óstras, que malbaratavam os dinheiros da Sociedade, mantendo largos anos os serviços num verdadeiro caos e conduzindo com a sua iniciação a sociedade para um verdadeiro abismo, donde a comissão de sindicância a veio arrancar, criando uma cantina escolar, abrindo duas novas aulas, terraplanando a cerca, incrementando a obra social, organizando os serviços do escritório e da tesouraria, montando a biblioteca e defendendo-a de futuros roubos, inventariando todos os valores sociais, causa que se não fazia há 17 anos, numa Sociedade com um movimento anual de mais de mil contos, suspendendo o abono de gratificações imorais, como as do privilégio empregado Jaime Travessa.

E sobre a obra de instrução realizada pela comissão de sindicância, declara que ela foi de tal forma atilada e inteligente que provocou o Ministro da Instrução uma portaria de louvor. E enquanto a comissão prosseguia sem desafecos nos saneamentos da Sociedade, os que se viam atingidos nos seus legítimos interesses mancomunavam-se numa vil campanha difamatória e caluniosa, chegando a afirmar ao governador civil que se estavam desbaratando as reservas da Sociedade em objectos de luxo, como se luxo fosse a compra de pastas para arquivo da correspondência, que até então se conservava dispersa, e de um *Anuário Comercial*, para envio de circulares solicitando donativos, que atingiram mais de vinte vezes o valor do *Anuário*. E que a comissão de sindicância sabia aplicar os dinheiros da Sociedade, com largo proveito para a mesma. E não se pode colher sem semear.

E enquanto as festas do último aniversário foram inteiramente consagradas à promoção escolar, distribuindo-se largamente agasalhos, calcão, livros, bolos, bombons e cacau, as dos anos anteriores serviam para os óstras se banquetearem, chegando duma vez a gastar-se 1.200 escudos em vinhos finos e de pasto, e as crianças limitavam-se a ver, espantadas, os directores da Sociedade em atitudes bem ridículas e impróprias dumha instituição de educação.

Refer-se ao desaparecimento da moeda de prata da cofre da Sociedade, sem que o agio correspondente entrasse no mesmo cofre. Honradas criaturas! Ao desfalque do ex-empregado Vizela, cuja importância, desvalorizada, só agora entrou nos cofres da Sociedade, por imposição da comissão de sindicância, quando durante largos anos os óstras, por falta de autoridade moral, não conseguiram resolver o assunto. E estes honrados dirigentes faziam-se abonar dos cofres da Sociedade de todas as supostas despesas que em seu nome diziam fazer conto, representações nos fúnebres de António Granjo, Ferreira do Amaral e Guerra Junqueiro, e na recepção dos avadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Tal é o sadário de misérias morais de semelhantes criaturas. Estavam perfeitamente à sua vontade: votavam em si próprios, e elegiam conselhos fiscais que nunca reunião, pois há mais de 9 anos que não existem os respectivos livros actas desse corpo fiscal. E o seu impudor foi tão longe que por fim já não apresentavam contas à assembleia nem às autoridades como aconteceu nos últimos quatro anos.

Critica a exploração feita por um reduzido número de cobradores, "óstras" de nova espécie, que não faziam as cobranças e que tinham o seu serviço individuais que exploravam, dando-lhes em troca do serviço uma miséria. E o ex-chefe do escritório, Jaime Travessa, quando a comissão de sindicância pretendeu meter na ordem estes exploradores, solidariza-se com elas, negando a José Maria Gonçalves a nota dos cobradores que este lhe havia exigido, e preparando uma greve de cobradores, com o intuito de sabotar a comissão de sindicância. E desse esteito moral a conduta do repugnante indivíduo a quem entregaram ilegalmente a direcção dos serviços do escritório. Podem continuar a solicitar polícia ao governador civil — afirma — para dar a impressão de que os sócios auxiliares pretendem provocar desordem dentro da Sociedade, mas o que nunca poderão impedir é que elas, oradoras, e os seus amigos deixem de verberar com indignação todo este rosário de imoralidades, já celebres na história dos "óstras" da Sociedade. Termina afirmando ter ainda em seu poder muita documentação de outros factos igualmente imorais que apresentará na devida oportunidade.

José Maria Gonçalves, da comissão de sindicância, começa por dizer que é tanta a documentação que têm em seu poder os membros da comissão de sindicância, que deliberaram inscrever-se seguidamente para dar margem a que os seus colegas descansem alternadamente. Depois de falar em duas, três e quatro horas ainda ficam com muita tralha para replicarem, se porventura houver quem tenha a audácia de vir defender os antigos dirigentes.

Refere-se ao relatório da actual comissão, dizendo que não assinaram como relator nenhum dos membros da comissão, parecendo que não foi por nenhum elaborado, mas por alguém que pretende despejar o seu ódio por intermédio da comissão. Isto — diz — o relatório está cheio de incógnitas e de infamias. Assim, diz que a comissão, não tendo quem pudesse redigir o jornal, reconduziu o antigo redactor, mas, adiante, a comissão que revela tanta incapacidade, atribui as anomalias da

## AS GREVES

### Quadro tipográfico de «O Rebate»

Declarou-se ontem em greve o quadro tipográfico do jornal "O Rebate", em virtude de não ter sido atendida uma reclamação de aumento de salário que há bastantes dias havia formulado à respectiva empresa.

A direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos, no intuito de evitar o conflito, avistou-se ontem mesmo com o sr. António José Correia, director do referido jornal, o qual não quis quaisquer entendimentos com os representantes daquele sindicato.

Como se trata dum reclamação de todo o ponto justa, pois é o quadro mais mal pago que existe, com a agravante ainda de lá se não cumprir a Organização de Trabalho em vigor em todos os jornais diários o sindicato recomenda a todos a classe que cumpra o seu dever, não só auxiliando os camaradas em greve, mas procurando evitar que haja individuos que os atraigam.

Como esclarecimento a direcção do sindicato informa a classe que não acompanham o quadro o chefe da oficina Cesar Ramos e um tal Agripino de Oliveira, sendo este recorrente em tais casos.

O quadro reúne hoje, pelas 17 horas, juntamente com a direcção e comissão dos desempregados.

### Corticeiros do Seixal

A greve dos corticeiros da casa Wicaner iniciada há 60 dias manteve-se inalterável. Os corajosos grevistas, a despeito do longo decurso da greve, continuam animados como no primeiro dia.

Por sua vez o industrial procura por todos os truques fazer desmoralizar os grevistas, que o ainda não conseguiram.

Ultimamente vendeu uns bocados a um artesão, certamente com o fim de conseguir que este traia os seus colegas.

Veremos se esse operário se presta a aceitar as suas repugnantes propostas.

### INTERESSES DE CLASSE

### O Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante e as questões morais

A maioria dos componentes desta classe encaram com uma extraordinária indiferença as questões que mais os deviam preocarpar.

Assim todos aqueles que seguem este referido critério incorrem numa grande falta, pois tenho observado em várias ocasiões, que, se tivessem mais energia e coesão a dentro do seu sindicato profissional, decreto que não veríamos os Armadores e seus acólitos, como se tem verificado, quererem aniquilar as bem poucas regalias que ainda disfrutamos.

Aprecia a destituição do sub-chefe do escritório que a comissão de sindicância nomeou, mandando para a mesa uma moção para recondução desse empregado, e ficando com a palavra reservada para a proxima sessão, que o presidente marcou para a próxima quinta-feira.

### NA PVOA DE VARZIM

### Uma reunião de ferroviários

POVOA DE VARZIM, 13. — Na última sexta-feira reúniram na sede da Sociedade Musical "Banda Povoense", grande número de ferroviários do P. P. F. para apreciarem as alterações que a comissão pretende fazer ao regulamento da Caixa de Pensões e Reformas do mesmo pessoal.

David de Oliveira chama a atenção dos seus colegas para a gravidade da questão que vai ser submetida à apreciação dos interessados, convidando, em nome da comissão que tem tratado do assunto junto do conselho administrativo da companhia, para presidir à sessão José Basílio Alves e para secretários Celestino Marques e João Martins. Aberta a sessão são lidas as alterações que a companhia entende fazer ao referido regulamento, alterações essas que traziam mais algumas vantagens para o pessoal. De modo, como digo, se tive o prazer de observar que dessa luta saiu a sua vitória, casos há que deixam mal colocados esses camaradas devido a vários componentes da classe, tripulantes de vários navios, não sabem impor a sua qualidade de trabalhadores, quando os Armadores pretendem anular o que está acordado por ambas as partes.

Uma secção de especialidade existe, que não é fácil ser substituída quando a navegar, e que graças ao seu comodismo, muito prejudicada tem sido.

Esta especialidade que a meu ver é uma das principais, não pode, como tão pouco deve, sob o perigo de se ver aniquilada, deixar de lutar, como as outras secções da classe, por maior bem estar moral, dentro das suas funções a bordo.

Carradas de razão tenho a afirmar que esta secção (cosinhas) nada tem feito em prol dos seus componentes para melhorar as condições de trabalho e de alojamento que repto, sem mérito de desmündido, as piores de todas as Marinhos Mercantes.

Fazem parte da Marinha Mercante nacional, navios em que tanto os lugares de trabalho, como os alojamentos são péssimamente ventilados, originando doentes que, em muitos casos, provocam o desaparecimento dos seus tripulantes, deixando as suas famílias na mais negra miséria.

Ainda é tempo de arrigar caminho, frequentando mais assiduamente o Sindicato, estudoando os assuntos de ordem moral, que muito nos vem beneficiar a existência, porque não basta para ser sindicado e adquirir direitos, pagar a sua cota mensal, mas também frequentar as reuniões da classe, entrar no espírito dos mais retardatários a conveniência de se fazer a máxima propaganda a bordo de todos os navios para que as nossas aspirações sejam um facto.

E, pois, componentes desta classe, absolutamente indispensável que, com a vossa persistência, façais respeitar o vosso inviolável direito à vida. — Um sindicado na classe de Marinhos Mercantes.

COIMBRA, 14. — Referimo-nos há dias que alguns operários da indústria de mobiliário, ante a situação deveras crítica em que se encontra a sua classe, se constituiram em grupos e se uniram, no sentido de agirem defendendo-se, salvaguardando assim os seus interesses e direitos de trabalhadores como os da classe em geral. Por essa ocasião, dissemos também qual o seu primeiro ponto de ataque, isto é, contra quem se manifestavam para poderem garantir o pão para si e para os seus. E assim, vamos hoje dizer mais qualquer coisa sobre o assunto, estando nós a ver que teremos de nos alargar em vastas considerações, ou iniciar uma campanha, p. c. a luta é contra uns apadrinhados que, além de explorarem os preços que servem sob suas ordens, estão também cavando a miséria nos lares de alguns operários — deixando as oficinas da Penitenciária de serem escolas de regeneração e elevação moral, para se transformarem numa autêntica fábrica com lucros... à laia de negócio de farinhas... Vamos pôr começo.

Como então dissemos, a crise de trabalho na indústria de mobiliário, nesta cidade, é bastante grande. Cinquenta por cento dos operários desta indústria andam em greve forçada...

E, estão nessa terrível situação, porque os industriais e pseudo industriais arrematantes da oficina de mobiliário da Penitenciária, como senhores absolutos, e, como aí dizemos apadrinhados, conseguem explorar e cantar de gal... até que — vemos breve... — as coisas mudem como se torna imprescindível.

Assim é que os tais arrematantes já andam empenhados em saber quem é o correspondente de *A Batalha*, pois ante a sua primeira notícia começam a sentir fugir-lhe o terreno...

Porém ainda não dissemos nada.

O melhor está para vir, não demorando talvez muitos dias. — C.

### FESTAS ASSOCIATIVAS

### Dois espectáculos do Grupo Dramático "Os Metalúrgicos" de Coimbra

COIMBRA, 16. — Nos dias 11 e 12 do corrente, pelas 21 horas, no teatro da Casa dos Trabalhadores, realizaram-se dois interessantes espectáculos teatrais, representando-se o drama "Os Criminosos" e a comédia "O Tio Pancrácio".

O desempenho, que esteve a cargo dos camaradas Joaquim do Amaral, Adelino dos Reis, José Pereira, Joaquim Cruz, Lucio Conceição e Aires Leitão, foi regular, em atenção a que é um grupo de amadores principiantes.

A assistência foi boa.

Voltaram em 14 novamente à cena as mesmas peças, a pedido, havendo antes uma conferência sobre "Teatro e sua função educadora" pelo professor e publicista sr. Tomás da Fonseca, da Universidade Livre.

— No sábado realizou-se também no teatro da Casa dos Trabalhadores uma velada social, promovida pelo Comité de P. Con-

federação de Coimbra. — C.

### Descanso semanal

A Direcção da Associação de Classe dos Caixeiros de Lisboa avistou-se com o governador civil, reclamando contra desrespeito à lei do "Descanso semanal", tendo aquela autoridade afirmado que ia dar ordens à polícia para fazer cumprir, pedindo para de futuro a associação indicar as freguesias onde ela não é respeitada, a fim de saber quais as esquadras policiais que não cumprem as suas ordens, dadas por intermédio do comissário geral da polícia.

A direcção daquela colectividade, independentemente da fiscalização que vai intensificar, recebe todos os dias titulares da sede da associação, sr. António Maria Cardoso, 20, das 21 às 24, reclamações por escrito ou verbais, com a indicação dos co-

merciares que infringem a referida lei.

Assim, diz que o grupo de amadores principiantes.

A assistência foi boa.

Voltaram em 14 novamente à cena as mesmas peças, a pedido, havendo antes uma conferência sobre "Teatro e sua função

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

### Litógrafos e anexos

#### A sua assemblea geral toma importantes resoluções

Na assemblea, anteontem efectuada, que esteve muito concorrida, a comissão administrativa apresentou um parecer sobre crise de trabalho que termina propondo que procure interessar toda a classe pelo assunto; que se não façam horas suplementares, nem as oficinas onde o trabalho esteja reduzido; a oposição ao despedimento de militantes com o pretexto da falta de trabalho; que nas oficinas onde haja crise, o trabalho seja rateado, que se elabore uma exposição sobre os efeitos da crise e medidas a adoptar, para ser entregue aos poderes públicos, nomeando-se para esse fim uma comissão de três membros, que a elaborarão de acordo com a A. C. A. e delegados de oficinas; que o sindicato mantenha relações com os organismos com interesses ligados a essa classe, para estudo do asunto.

Depois de vários oradores falarem sobre o assunto foi o parecer aprovado na íntegra.

Foram nomeados para a comissão acima referida Correia, Carlos Santos e António Ferreira da Silva.

### Uma representação da Associação dos Refinadores de Açúcar do Pôrto

A classe dos refinadores de açúcar em Portugal sofre neste momento como em nenhum outro, uma grande crise de trabalho que a traz mergulhada numa profunda miséria, devido sobretudo a deficientes disposições legislativas e por isso resolveu reclamar urgentes providências para melhorar esta difícil situação, consciente de que assim defende os interesses do povo consumidor.

Nessa inteligência, a Associação de Classe dos Operários Refinadores de Açúcar do Pôrto elaborou uma interessante representação que ontém entregou ao ministro do Trabalho.

São dêsse documento as conclusões que seguem:

1.º Proibição absoluta de moinhos a moer açúcar de qualquer qualidade;

2.º Proibição da importação de açúcares similares aos açúcares refinados;

3.º Proibição da venda ao público de rama em bruto.

Esperam os reclamantes um acolhimento digno pois qualquer resolução em favor do que reclamam não vem apenas em benefício da classe porque vai beneficiar todo o povo consumidor.

Ultimamente vendeu uns bocados a um artesão, certamente com o fim de conseguir que este traia os seus colegas.

Veremos se esse operário se presta a aceitar as suas repugnantes propostas.

### INTERESSES DE CLASSE

### O Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante e as questões morais

A maioria dos componentes desta classe encaram com uma extraordinária indiferença as questões que mais os deviam preocarpar.

Assim todos aqueles que seguem este referido critério incorrem numa grande falta, pois tenho observado em várias ocasiões, que se tivessem mais energia e coesão a dentro do seu sindicato profissional, decreto que não veríamos os Armadores e seus acólitos, como se tem verificado, quererem aniquilar as bem poucas regalias que ainda disfrutamos.

Assim, diz que é uma infâmia a que se prende com a sua comodismo, muito prejudicada tem sido.

Este é um dos critérios que devem comparecer hoje.</